

Marlos Nobre arrombou o cofre?

Geraldinho Vieira

Subeditor do Caderno 2

Estão nas mãos do secretário de Cultura — D'Allembert Jaccoud — e no Tribunal de Contas da União, as conclusões de uma auditoria, solicitada por D'Allembert e realizada pela Secretaria de Finanças, para apurar denúncias de desvios de recursos financeiros da Fundação Cultural do DF para utilização em benefício pessoal do diretor da Fundação — maestro Marlos Nobre. Um trabalho de sindicância deve apontar nos próximos dias as responsabilidades e seus possíveis desdobramentos.

D'Allembert Jaccoud, secretário de Cultura com o cargo à disposição do governador Joaquim Roriz, rompeu o silêncio que o afastava, até aqui, das polêmicas que envolvem a sucessão nesta Secretaria. Em nossa edição de ontem, o maestro Marlos Nobre confessou sua frustração em relação à sua administração, destacando que não pôde realizar o que pretendia porque foi obrigado a acumular funções executivas e normativas na medida em que o secretário de Cultura — D'Allembert Jaccoud — “não tem conhecimento na área”. Mais que isso, o maestro salientou que foi obrigado a conjugar sua ação executiva em confronto com a vaidade pessoal do secretário: e, que a coexistência de uma fundação e uma secretaria impedem o pleno funcionamento administrativo dos órgãos, exatamente por deixar sempre em conflito — “independente da capacidade profissional de quem as dirija — os interesses pessoais de ambas as partes”.

D'Allembert Jaccoud, que afinal é ainda o secretário de Cultura, saiu do silêncio e nesta entrevista exclusiva ao **Jornal de Brasília** aponta razões explícitas para o que provaria, entre outras palavras, que “o personalismo de Marlos Nobre e sua esposa, Maria Luiza Nobre, são a causa dos confrontos entre FCDF e Secretaria, além de inúmeros problemas relacionados ao bom andamento da vida artística e cultural da cidade”.

No ar: impróprio para quem

não gosta de polêmica, denúncia e bate-boca.

JBr — A cultura foi impedida de fazer seu melhor espetáculo porque o maestro Marlos Nobre e o secretário D'Allembert Jaccoud exerciam funções e tinham interesses conflitantes?

D'Allembert Jaccoud — A Secretaria foi implantada sem que houvesse uma política já adequada para que existisse ao lado da Fundação. A nova proposta de reforma administrativa do GDF, que extingue a FCDF, dá atribuições mais claras à Secretaria. Fundamentalmente, a reforma cria a figura do Conselho de Cultura como instrumento de ligação permanente entre o Governo, a produção e as aspirações culturais da comunidade. Institui também o Fundo para Desenvolvimento da Cultura (como já existe no Rio Grande do Sul, Espírito Santo e Goiás), um instrumento para captação e administração de recursos, sobretudo via Lei Sarney.

Não há, nem nunca houve, um pugilato entre a Fundação Cultural e a Secretaria de Cultura, como afirmou o Sr. Marlos Nobre ao **Jornal de Brasília**. O pugilato existe entre a direção executiva da Fundação e os mais diversos setores da comunidade interessados na produção cultural.

Quais são as provas deste pugilato, que o senhor transfere para a relação entre a FCDF e os produtores de arte e cultura?

São numerosos os casos de reclamações e de denúncias de dificuldades relacionadas ao tratamento dispensado pela Fundação Cultural aos grupos de cultura. Basta procurar a Artway, o Estúdio Arte, Clodo, Clérario e Clésio, Invoque o Vocal, o artista Francisco Galeano (que ganhou um prêmio da Fundação — a impressão do catálogo de sua obra — e nunca conseguiu receber este prêmio), a Associação de Ópera de Brasília, a Fundação César Bastos (que tem ligações com a França e nos traz excelentes espetáculos), o maestro Camargo Guarnieri, a Embaixada do Canadá e a Embaixada da Alemanha, por exemplo.

Aqui estão, em termos oficiais, os protestos destas duas embaixadas. (D'Allembert tem nas mãos alguns quilos de pa-



D'Allembert Jaccoud: a cópia da auditoria é munição pesada

questra Sintônica, em nome do personalismo do Sr. Marlos Nobre, que prefere colocar créditos para si próprio, para o governador e até para mim, que nunca vi necessidade disso... e tirar o nome do regente. Este mesmo personalismo você vai encontrar nos convites dos eventos realizados pela Fundação... todos têm o nome do Sr. Marlos Nobre... um puro exercício de vaidade.

Existem denúncias contra o maestro Marlos Nobre, no sentido da má utilização e desvio de recursos financeiros pertencentes à FCDF. Estas denúncias, sabe-se, geraram uma auditoria que por lei deve passar por seu estudo e parecer, assim como pelo Tribunal de Contas da União. Qual o resultado desta auditoria?

A auditoria foi realizada pela Secretaria de Finanças, e de fato as cópias estão comigo e com o TCU. (D'Allembert retira, entre seus vários papéis, o dossier desta auditoria. Ele não pode, antes que também o TCU decida pela divulgação, revelar as conclusões da auditoria... “essa é uma munição pesada, para mais tarde”). No primeiro semestre solicitamos ao Ministério da Cultura recursos para trabalhos ligados ao Museu de Planaltina e ao Clube do Choro, mas estes recursos nos foram negados em virtude da inadimplência da Fundação Cultural em suas prestações de contas. Eram mais de dez recursos de diferentes fontes e para diferentes finalidades... todos sem prestação de contas. Esta inadimplência foi sanada agora, com esforços da Secretaria de Cultura.

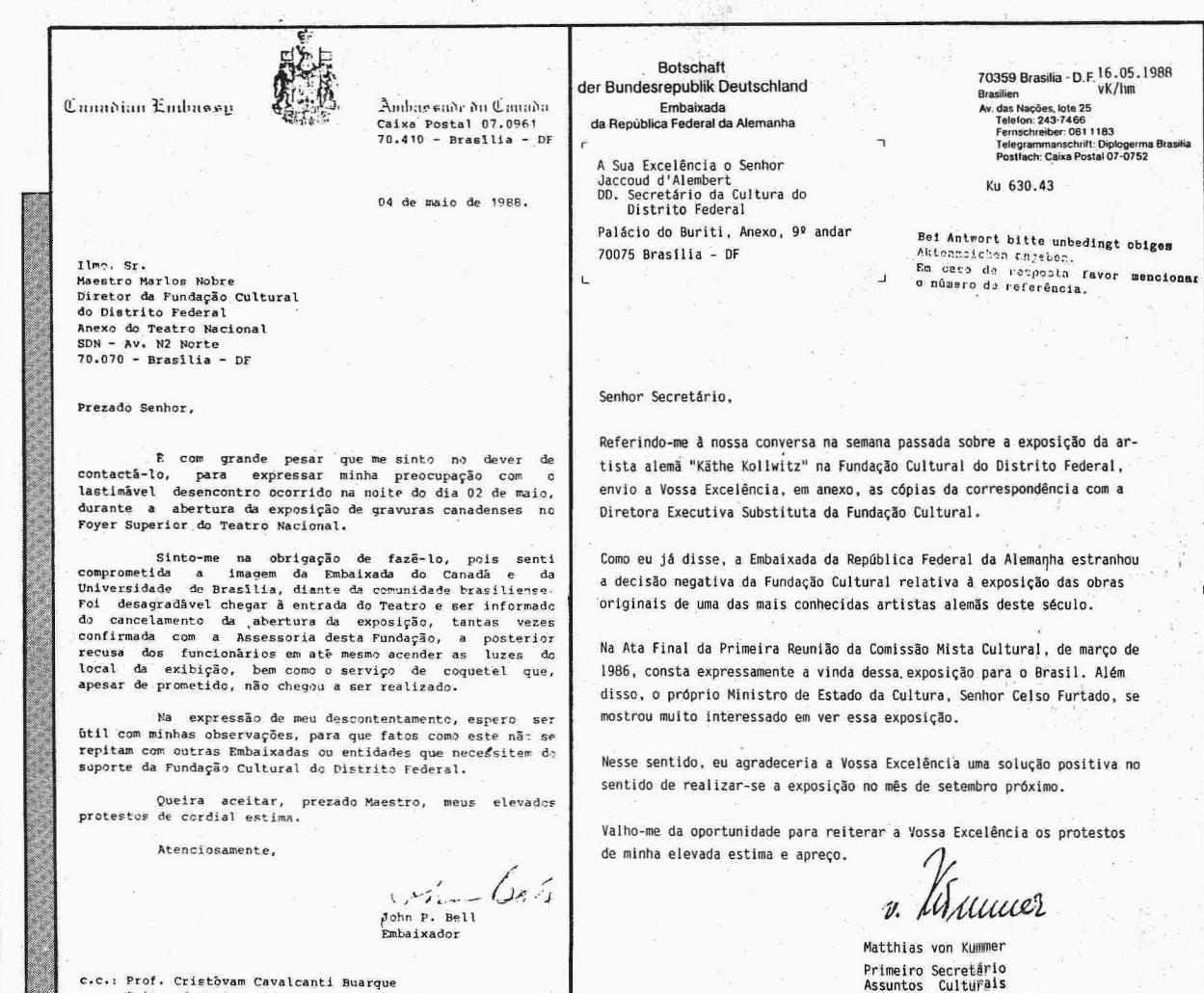
Quais são os pontos principais desta auditoria?

Existem vários aspectos sendo analisados, mas de qualquer maneira será sabido que o Sr. Marlos Nobre chegou, por exemplo, a utilizar recursos da Fundação Cultural para despesas pessoais tais como hospedagem em hotel com sua família por mais de seis meses, reforma de sua casa, compra e renovação de pintura de carro e coisas do gênero.

N. da R.: Sobre a auditoria realizada pela Secretaria de Finanças, o maestro Marlos Nobre, procurado pelo JBr disse apenas: “É uma coisa suja, prefiro não falar do assunto, por enquanto”.

pel: documentos, cartas, convites para espetáculos. Daqui por diante ele vai ilustrar sua argumentação com estes documentos. O Sr. Marlos Nobre e sua esposa não conseguiram sequer organizar um programa de atividades. O máximo que fiz-

ram foi deixar as salas ociosas, as galerias ociosas, e imprimir um folheto de estética duvidosa, incompleto e sempre com remessa atrasada sobre as atividades mensais. O nome do maestro Cláudio Santoro, por exemplo, foi tirado das capas dos programas da Or-



EMBAIXADAS — Duas cartas, uma do Canadá e a outra da República Federal da Alemanha, protestam contra o descaso com que a Fundação Cultural avaliou suas realizações artísticas na cidade